

## NÃO! APRENDI DIZER ADEUS

Isabelita Maria Crosariol (IFSP – SJC)<sup>1</sup>

No condomínio, não se fala de outra coisa a não ser do curioso caso do morador que decidiu abandonar a esposa ao se perceber apaixonado por uma moça que avistou na rua. Ele nunca conversou com ela. Ele sequer sabe o nome dela. No entanto, por estar plenamente convencido de que encontrou o grande amor de sua vida, Reginaldo (o famoso morador) juntou roupas, orgulho e insanidade... E partiu.

Do apartamento ao lado, ecoa agora o som da voz melancólica de Alice, que insiste em cantar, aos choros e desafinada, uma antiga canção sertaneja: “Não aprendi dizer adeus/ Mas tenho que aceitar/ Que amores vem e vão/ São aves de verão”. Já aqui, em meu apartamento, irradia imensa alegria. Finalmente irei me encontrar com um rapaz com quem converso online há quase 5 anos. José é o nome dele.

Imersa em empolgação, decido procurar opções de passeios. Parece uma boa ideia propor uma trilha em meio à natureza. Envio uma mensagem e aguardo. Passam-se horas, horas e horas. Nenhuma resposta. A voz da vizinha entra mais uma vez dentro do meu apartamento. Desta vez, a ouço cantar com menos dor e com mais conformismo: “Não aprendi dizer adeus/ Mas deixo você ir/ Sem lágrimas no olhar.”

Eu, por outro lado, não me identifico com essa nova versão de Alice. Enquanto ela supera a dor da separação, meus olhos marejados entregam o sentimento de frustração que me arrebatava. Desse modo, me forço a não atentar à música que invade meu lar e minha alma. Passo também a não repetir (nem neste texto escrito, tampouco mentalmente) os versos da canção que minha vizinha entoava.

Não. Não quero perder aquele que nunca tive. Por isso, insisto deliberadamente em não deixar partir José, o amor da minha vida, o “misterioso alguém que nunca veio”. Não, ele não sairá de minha cabeça. Não deixo.

Segundos depois, em um relance de lucidez, começo a me questionar se, tal como Reginaldo, não estarei presa a ilusões. Afinal, foram tantas e tantas vezes que eu e José

---

<sup>1</sup> Doutora em Literatura, Cultura e Contemporaneidade (PUC-Rio). Professora de Português/Inglês do IFSP – campus São José dos Campos. Um ser humano que concorda com Lulu Santos quando ele canta “Tolice é viver a vida sem aventura”. E-mail: [isabelitacrosariol@ifsp.edu.br](mailto:isabelitacrosariol@ifsp.edu.br) Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0965649321358995>

marcamos de nos encontrarmos, mas sempre houve uma desculpa: ele não podia me ver porque estava doente, porque algum parente estava doente, porque estava em reunião, porque estava com amigos, porque estava viajando, porque, porque, porque... “Sempre as mesmas desculpas/ E desculpas nem sempre são sinceras/ Quase nunca são...”

Noto que Alice trocou a canção. Seria isso significativo? Não sei. Mas estou decidida: Não vou abrir mão do meu grande amor. Se as coisas não deram certo para minha vizinha, isso não significa que terei a mesma sina.

As horas passam, os dias passam e José não me responde. Na véspera de nosso encontro, escrevo perguntando a respeito. Rispidamente, ele diz que minha mensagem fez com que ele se sentisse cobrado. Para aplacar o mal-estar que criei, é melhor que não nos vejamos. “Talvez no futuro”, ele diz.

Ao emudecimento de minha fala, se contrapõe o turbilhão de pensamentos que invade minha mente. Como se acordasse de um sono profundo, recordo-me de todas as vezes em que meu amado marcou de me ver, mas simplesmente desapareceu na véspera ou, até mesmo, no dia de nosso encontro. Lembro também do dia em que, cansada após ele ter desmarcado tantas vezes, bloqueei-o para imediatamente me arrepender depois. Ao desbloqueá-lo, fui recebida com fúria. Aos gritos, ele disse que, no fim de semana, havia conhecido alguém: “A química é boa e devo namorar com ela”.

Essa foi a primeira vez que me calei e segui em frente, disposta a me reconstruir. Dia após dia, procurei juntar todos os pedaços do que havia se desfragmentado em mim. A dor era grande e o amor-próprio estava fragilizado. No entanto, minha única alternativa era seguir em frente.

Sim, leitor, você leu corretamente: “Foi a primeira vez que me calei e segui em frente”. A essa vez, vieram tantas outras, pois José também me procurou online no ano seguinte, no posterior, no subsequente. Enfim... Tem sido assim nos últimos 5 últimos anos e é difícil, para mim, admitir isso. José sumiu e reapareceu tantas vezes ao longo desse tempo e eu sempre o acolhi, movida pela crença de que ele havia mudado.

Será que, como Reginaldo, eu também acreditei em ilusões?

Concluo que sim. Assim como meu antigo vizinho, eu também me apaixonei por alguém com quem nunca havia interagido pessoalmente. Me apaixonei por alguém que só conheço por fotos, por palavras escritas e por promessas não cumpridas. A diferença é que a moça por quem Reginaldo se apaixonou nunca teve qualquer gesto de reciprocidade para com ele. José, por outro lado, alimentava profundamente minhas expectativas cada nova vez que ressurgia. Ele chegava sorrateiramente, com palavras bonitas, românticas, dando indícios de que iríamos nos

encontrar em cada esquina. No fim, foram “Palavras, apenas/ Palavras, pequenas/ [...] Palavras ao vento”. E não é que descubro que, assim como minha vizinha, eu também gosto de cantar?

Pois bem... Apaixonada, eu acreditava no que ele dizia. Era como se as palavras sedutoras que ele digitava na tela apagassem todo o mal que ele outrora me fez. Foi por isso que, este ano, quando ele me enviou nova mensagem, fiquei feliz. Acreditei que nos veríamos e imediatamente planejei algo especial. Em vez de presença, contudo, mais uma vez recebi ausência e distanciamento. Sofri pelo acúmulo de frustrações que, ao longo dos anos, ele exponencialmente criou em mim.

É noite enquanto escrevo este relato. Descubro que Reginaldo tentou reatar com Alice. Tentativa vã. Uma nova canção toca agora no apartamento dela: “Pra que ficar juntando os pedacinhos/ Do amor que se acabou/ Nada vai colar/ Nada vai trazer de volta/ A beleza cristalina do começo/ E os remendos pegam mal/ Logo vão quebrar”.

Em minha vida, também é hora de aceitar. Nada do que José me disse foi verdadeiro. Ele nunca quis me ver. Ele nunca irá me ver. É isso.

Choro. Choro profundamente. Lavo a alma. Prometo a mim mesma que jamais passarei por situação semelhante. Esta foi a última vez. Junto-me à Alice e, também de meu apartamento, uma voz entoada para o mundo: “Adeus também foi feito pra se dizer/ Bye bye, so long, farewell”. Canto, canto, canto. O grito preso na garganta irrompe e me liberta. A essa hora, todos do condomínio também sabem de minha história.

Após 5 longos anos, aprendo a dizer adeus finalmente. Aprendo que “O que vale é o sentimento/ E não palavras quase sempre traiçoeiras”. Digo, então, adeus a José em 2 idiomas diferentes e, agora, confiante e liberta, construo meu próprio caminho.

Prossigo, daqui em diante, com a certeza de que tenho minha própria jornada a trilhar.

*Recebido em: 24/04/2024*

*Aprovado em: 24/05/2024*

*Publicado em: 24/06/2024*



10.29281/r.decifrar.2024.1a\_26